



AS CONTRIBUIÇÕES DAS MULHERES PARA A SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO CONTEXTO DA AGROECOLOGIA

Maria Luciana Mendonça Sousa¹
Roberto Ferreira Lima Neto²
Francisca Mariana Antão Mariano³
Maria Inês Escobar da Costa⁴

RESUMO

O presente estudo destaca, a partir da literatura, a importância das mulheres agricultoras e camponesas na execução e elaboração das práticas agroecológicas, além da sistematização e divulgação dos benefícios oriundos dessas práticas, com destaque para o aprofundamento do debate acerca da soberania e segurança alimentar e nutricional (SSAN). Reafirmando a contribuição das mulheres, historicamente minimizada como "ajuda", no que concerne a participação ativa na produção, consumo, distribuição e comercialização dos produtos das unidades familiares. Destaca-se exemplos de ações que embasam os trabalhos dessas agricultoras, com o manejo na terra, a escolha de alimentos saudáveis e a importância cultural e socioeconômica que essas ações trazem para a comunidade. Evidenciar o trabalho feminino também é uma forma de luta contra toda e qualquer discriminação sofrida por elas, tanto com a desvalorização econômica, mesmo que elas façam as mesmas funções ou até mais, como na invisibilização desses trabalhos, fazendo com que sejam negligenciadas e com isso, sofram todo tipo de opressão. Com isso, o presente trabalho analisa e elenca o trabalho das mulheres, no âmbito da agroecologia, sinalizando seu protagonismo, sua importância como construtoras de uma realidade com maior sustentabilidade e equidade de gênero, raça na perspectiva da economia ecológica.

Palavras - chave: Agroecologia; Alimentos; Contribuição feminina; Mulheres; Segurança Alimentar;

1 Graduanda em Economia Ecológica pela Universidade Federal do Ceará - UFC.

2 Graduando em Economia Ecológica pela Universidade Federal do Ceará - UFC.

3 Graduanda em Economia Ecológica pela Universidade Federal do Ceará - UFC

4 Professora Adjunta na Universidade Federal do Ceará - UFC

INTRODUÇÃO

As mulheres enfrentam há muito tempo vários tipos de desigualdades, violências e invisibilização dos seus trabalhos e espaços de ação. Em relação ao campo, não é diferente, em muitas realidades é ainda mais intensa a situação de desigualdade e submissão. Convive-se com uma construção social patriarcal, onde desde muito cedo, homens e mulheres são direcionados para atividades pré-determinadas, considerando em grande parte o contexto social no qual estão inseridos, as mulheres ocupam as atividades marginais e invisíveis, ao contrário dos homens que atuam no espaço público (BEZERRA; FERREIRA, 2017).

Este quadro descrito fartamente pela literatura urbana e rural têm nas últimas décadas encontrado seu contraponto, um movimento de mulheres organizadas e diversas que exigem um novo tipo de organização produtiva, do ponto de vista familiar e do ponto de vista do manejo dos agroecossistemas. Nelas está presente a luta anti-paradigmática na qual as mulheres têm protagonismo e papéis estratégicos na produção, na comercialização, no cuidado com a natureza e na formação das novas gerações. As mulheres têm trazido ao debate agroecológico uma perspectiva diferenciada, a partir de uma economia do cotidiano e de uma ligação mais ancestral com a atividade de “cuidado” e com os ciclos da natureza. Há autoras camponesas e feministas que associam o sentimento de “pertença aos territórios”, “o valor do cuidado”, “o cuidado com as novas gerações” a especificidade do sujeito mulher e toda sua trajetória constitutiva (LIMA; DE JESUS, 2016).

Os desafios enfrentados pelas mulheres na disputa paradigmática de modelo de produção e de reprodução social presentes neste ensaio são recortes do cenário estrutural, colonial, o qual nos inserimos. Alguns desafios se destacam por serem relativos a tomadas de decisão e o reconhecimento de que as agricultoras exercem papel fundamental na qualidade dos alimentos e a divulgação desta perspectiva produtiva, pois lutam contra a invisibilização de suas atividades.

Esse trabalho destaca uma contra hegemonia no campo da produção de alimentos protagonizada por mulheres e elenca atividades fundamentais de manutenção da Agroecologia, de soberania e segurança alimentar e nutricional, as quais são portadoras de decisões que beneficiam a todos os que estão inseridos no contexto do campo e conseqüentemente fora dele,

pois o trabalho de produção de alimentos orgânicos e agroecológicos transcende o campo e vai à cidade.

1. DIALOGANDO SOBRE CONTRIBUIÇÕES

1.1 O DESAFIO DA SEGURANÇA ALIMENTAR: O CONTEXTO

A vulnerabilidade do sistema agroalimentar é uma problemática recorrente, considerando que a garantia em quantidade e qualidade de alimentos para a população mundial é um desafio desde os tempos mais remotos, principalmente tratando-se dos países em desenvolvimento, em que a satisfação das necessidades alimentares está muito longe de ser concretizada.

O CONSEA (2004; 2006) estabelece que:

A segurança alimentar e nutricional consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis.

Entretanto, no último relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura - FAO, desenvolvido juntamente com outras instituições, foram apresentados dados verdadeiramente alarmantes nesse sentido, já que este consiste em explicitar o estado da insegurança alimentar e nutricional no mundo todo. Foi destacada, portanto, a estimativa de que em 2020 foi ultrapassado o número 700 milhões de pessoas famintas, e destas, cerca de 130 milhões estão em situação de fome crônica. A expectativa destes números para os próximos anos não é boa, pois a previsão é de que o problema se agrave com a questão da pandemia de COVID-19 que ainda segue, resultando em crises por diversos países (FAO *et al*, 2020).

No cenário brasileiro a situação também segue nesta óptica. A Actionaid (2020), organização que trabalha objetivando a erradicação da pobreza em todo o mundo, levantou dados que mostram que a insegurança alimentar grave alcançou 6,6% da população brasileira, com cerca de 15 milhões de pessoas passando fome. E ainda destaca que o retorno ao Mapa da Fome deixa de ser uma ameaça para se tornar uma realidade.

Os alimentos mais comuns e básicos na vida dos brasileiros, atingiram altos custos, enquanto o poder aquisitivo, de modo geral, decaiu. A Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF, realizada pelo IBGE (2019), enfatiza isso ao apresentar dados referentes aos últimos anos, que mostram um declínio no consumo de arroz, feijão e farinha, por exemplo.

Nesse contexto, é fundamental e urgente encontrar alternativas que possam suprir tal demanda e a tecnologia é grande auxiliadora nessa questão, ao efetivar o poder de aumentar a produção a níveis consideráveis, com evidente potencialidade de expansão. Contudo, o acesso e qualidade dos alimentos se mantém comprometida devido a toda estrutura e gestão que servem de base para tais tecnologias. Portanto, outras estratégias ganham destaque a fim de garantir uma segurança alimentar real e sustentável.

1.2 AGROECOLOGIA NA PROMOÇÃO DA VIDA

A sociedade tem se utilizado de uma agricultura no qual é possível obter lucros consideráveis através do monocultivo, de incrementos de insumos externos para que a produção alcance o limite que a terra consegue produzir, de grandes extensões de terra para obter uma produtividade maior ainda. Contudo, toda esta dinâmica precede uma série de efeitos danosos, já que a renda obtida tende a ficar concentrada na mão de poucos e o uso de insumos para aumentar a produção leva a terra ao seu desgaste, correndo o risco de aquele lugar não conseguir se regenerar e poder se restabelecer. Além disso, a obtenção de mais terras para a produção dos monocultivos implica na retirada de mais áreas da vegetação nativa e a implantação de monoculturas impacta de forma grave os ecossistemas, gerando consequências tanto para a flora quanto para a fauna (ALTIERI, 2001).

Dentre as estratégias para melhoria da produção de alimentos, a agroecologia surge como resistência a este modelo excludente e poluidor que se hegemonizou no campo brasileiro. Em total oposição a isso, a agroecologia trata-se de uma agricultura cuja essência é promotora de vida (VEZZANI; STEENBOCK, 2013).

O conceito de agroecologia vem evoluindo com o tempo e se diferencia de acordo com o ator social. Esta pode ser concebida como parte da ciência, dos movimentos sociais, das práticas educativas e até mesmo política. Assim apontam autores como Altieri (2001), Caporal (2009) e Norder (2010). Contudo, todos eles compreendem a agroecologia como uma nova abordagem de integração na relação sociedade-natureza que há muito vem se perdendo. Trata-se de um novo paradigma. Nesta dinâmica ocorre a junção dos conhecimentos inovadores com os tradicionais, de forma interdisciplinar, levando-se em consideração, primeiramente, o equilíbrio entre os cultivos e o ambiente, bem como os fatores econômicos, sociais e culturais. A agroecologia busca uma sinergia da qual participam os agentes naturais, os animais de todos os portes, a vegetação predominante e toda a troca que existe entre eles. A agricultura manejada pelo elemento humano, “pede licença” para adentrar a biodiversidade natural e ser parte

integrante do todo, não apenas um extrator de fertilidade. Desta maneira, a perspectiva biocêntrica tem sido trabalhada com maior profundidade em projetos inovadores que visam o bom desenvolvimento dos agroecossistemas, como também de suas políticas públicas.

A agroecologia é um campo de estudo e prática do qual aborda a natureza de uma forma menos agressiva, mais inclusiva e participativa. A agroecologia traz em seu cerne o trabalho coletivo, tanto na sua produção como nos frutos obtidos naquele espaço, o convívio harmonioso com a natureza, não tomando seu espaço, a conservação do meio natural e sua expansão. Junto a essa gama de benefícios físicos existem também os benefícios mentais e até espirituais que a agroecologia transmite para todos, havendo uma conectividade entre o meio físico natural e as expressões culturais e espirituais. “Uma abordagem agroecológica incentiva os pesquisadores a penetrar no conhecimento e nas técnicas dos agricultores e a desenvolver agroecossistemas com uma dependência mínima de insumos agroquímicos e energéticos externos.” (ALTIERI, 2001).

O envolvimento que as mulheres têm neste cenário é muito forte. O papel que exercem e as contribuições que agregam aqui são indispensáveis para a construção da agroecologia da maneira que esta se mostra: gerando equilíbrio, garantindo acesso aos bens comuns e, sobretudo, retomando valores e direitos que a muito foram violados, inclusive os seus próprios.

1.3 PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DAS MULHERES NO CAMPO

As atividades realizadas pelas mulheres no campo trazem enorme contribuição para todos os segmentos, tanto nas relações ambientais como para as relações socioeconômicas. São evidências que constataam o quanto são merecedoras de atenção, consideração e terem seus espaços de ação respeitados.

Seguindo este pensamento, Pacheco (1997), ressalta a importância que a perspectiva de gênero tem nos debates sobre as políticas que inserem sistemas de produção. A autora destaca a sua ausência dessa perspectiva afirmando que:

(...) a invisibilidade do trabalho das mulheres agricultoras é antes que nada uma questão política. Os “silêncios” sobre as mulheres requerem outra matriz de análise que parta dos ecossistemas e sistemas de produção, da ampliação do conceito de trabalho e produtivo, em articulação com a questão da diversidade social, como constitutiva de uma visão de agricultura sustentável que relacione gênero e agroecologia. O debate continua em aberto.

A concepção agroecológica tem manifestado a capacidade de abrir espaços para que as mulheres agricultoras enfrentem sua condição de vulnerabilidade e, dessa forma, conquistem empoderamento nos âmbitos pessoal, produtivo, familiar e político.

Entretanto, o trabalho com a agroecologia, por si só, não é o suficiente para que a desvalorização e a invisibilidade das mulheres sejam suficientemente problematizadas (FERREIRA; MATTOS, 2017).

Seguindo esta mesma lógica, Lima e De Jesus (2016) descrevem e discutem os processos históricos envolvendo o papel das mulheres na agroecologia, e de forma mais ampla, na agricultura familiar, enfatizando que estas nunca prescindiram da participação feminina diretamente relacionada.

Isso porque, apesar de ser bastante significativo o papel das mulheres neste sentido, apenas há pouco mais de duas décadas é que realmente o trabalho feminino na agricultura familiar e também dentro da agroecologia tem sido considerado de acordo com sua real contribuição e relevância, tempo esse em que as mulheres foram ganhando mais espaço e notoriedade em outros ambientes também.

“O gênero começa a ser considerado nos estudos rurais apenas depois da década de 1960 e a ser mais amplamente utilizado apenas nos anos 80-90.” (LIMA; DE JESUS, 2016).

Os homens representam os interesses de tudo que envolva na unidade reprodutiva: geralmente, eles detêm a posse da terra e o poder de decisão sobre como e o que produzir, administrando as relações familiares, conseqüentemente, colocando as mulheres como coadjuvantes, em posições de subordinação (WOORTMANN, 1997; SILIPRANDI, 2009; FARIA, 2011).

Esse tipo de relação desigual de gênero no campo tem diversas conseqüências para a vida das mulheres, se constituindo em uma forma de relações estruturais e, em muitos casos, até mesmo de violência.

Apesar dessa divisão do campo, Gema Esmeraldo (2012) afirma que as mulheres do campo são inteiras que vinculam as atividades produtivas com as atividades reprodutivas:

Não se pode compatibilizar essas mulheres que constroem saberes completos nas coisas, formando um elo entre a cultura e a natureza. No momento em que plantam e colhem, essas mulheres pensam no porquê e para quê o estão fazendo, cuidando da produção, do viver da família; ao mesmo tempo se preocupam com o trabalho reprodutivo na família e na preservação dos recursos naturais, criando uma visão holística e sistêmica da natureza; assim se forma um patrimônio imaterial com base em um rico processo cognitivo que tem aspectos físicos, emocionais, racionais, econômicos, geracionais.

Tendo isso em vista, a comunicação entre as concepções agroecológica e feminista torna-se um importante caminho para o enfrentamento político sobre algumas das dificuldades vivenciadas pelas mulheres no meio rural.

O Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) do Brasil, um dos mais importantes movimentos de mulheres, possui diretrizes sobre o seu entendimento do “projeto popular de agricultura camponesa”. Nessas publicações são reforçadas as relações

entre agroecologia, igualdade de gênero e solidariedade. A necessidade de maior participação feminina na construção do processo agroecológico não é colocada apenas como uma questão de paridade, mas, principalmente, de reconhecimento da singularidade dessa participação e de sua importância para a segurança alimentar e soberania alimentar, portanto, para subsistência, diversidade agrícola e nutricional e produção de alimentos livres de contaminação. (LIMA; DE JESUS, 2016).

Considerando isso, as autoras apontam ainda o questionamento de que se é possível existir, hoje, uma agroecologia sem a presença das mulheres.

A seguir, foram elencadas algumas ações merecedoras de destaque pela importância que tem, exercendo sobre suas vidas, famílias, suas comunidades e todo o território no qual estão inseridas.

- Práticas Agroecológicas com Quintais Produtivos:

Consiste na cultivo agrícola dentro das áreas de quintais, proporcionando várias atividades como a diversificação e/ou rotação de culturas, em sua maioria o cultivo de frutíferas, plantas com fins medicinais e ornamentais. Essas maioria se dá pelo cuidado que as agricultoras possuem com a alimentação, haja visto que o destino inicial desses alimentos é para a família e depois para a comunidade. Junto a isso, essa atividade estimula e fortalece as relações sociais na comunidade, onde há a socialização, o trabalho conjunto, o ponto de lazer, descanso e conexão com o espiritual (JALIL; SILVA; OLIVEIRA, 2019);

- As Cadernetas Agroecológicas:

Desenvolvido pela equipe do Programa Mulheres e Agroecologia, do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), consiste na criação de uma tabela onde são organizadas as movimentações que ocorrem no terreno agrícola, evidenciando com essas anotações o trabalho que as agricultoras fazem no campo, onde não são apenas serviços de complementação e sim uma participação importante tanto na renda como na mostra dos alimentos que entram em casa e é servido na mesa, alimentando a família. Marca as vendas, doações, trocas e o autoconsumo por aquela família (JALIL; SILVA; OLIVEIRA, 2019);

- Valoração Nutricional e Medicinal dos Alimentos para a Saúde de Todos:

Citado levemente no primeiro tópico, o cultivo de alimentos saudáveis é prioridade para essas agricultoras. Dentre os cultivados, primeiramente e em maioria estão as frutíferas, dado seu valor nutricional, muito benéfico para a saúde. Em seguida estão as plantas com fins medicinais e espirituais, pois tem-se visto que as ervas carregam um poder curativo significativo, muito importante

no contexto social de comunidades vulneráveis, que em muitos casos, não possuem uma estrutura de serviço público de saúde adequado e também, com o uso dessas plantas, busca-se o contato com o espiritual, as manifestações religiosas que são parte da identidade cultural daquele lugar (JALIL; SILVA; OLIVEIRA, 2019).

Os exemplos supramencionados são experiências protagonizadas por mulheres camponesas, agricultoras, lideranças comunitárias nos mais diversos territórios, trazendo para o debate a divisão sexual do trabalho, no qual as funções que são exercidas exclusivamente por essas mulheres impactam na vida de todos os que estão ao redor.

Em uma primeira consideração, é imprescindível pensar a perspectiva biocêntrica da agroecologia e sua importância para a biodiversidade, considerando que as mulheres nesse contexto se apresentam como guardiãs dessa biodiversidade, assumindo o protagonismo nestes projetos que se articulam a políticas públicas que democratizam a renda, a terra e os espaços de poder. Elas, que são partes integrantes da natureza, possuem um cuidado em manusear e cultivar, pois sentem a importância de preservação e conservação do meio ambiente.

Diante de todo esse diálogo, vale destacar também a importância de exteriorizar sobre o potencial feminino para além de seu espaço original. A participação das mulheres nos espaços coletivos (Catequese Familiar, MST, Comissão da Saúde e Alimentação etc.) tem sido fundamental para a promoção de sua autoestima e empoderamento, bem como para a mudança nas relações da família (FREIRE, 2010).

A valorização desta sabedoria ímpar construída pelas mulheres sobre tantas lutas e ao longo de tanto tempo, resultando no aprimoramento da agroecologia, é merecedora de todos os destaques possíveis.

Serrano (2014), dentre tantas outras pesquisadoras da área, cumpre muito bem com este propósito ao explicitar essas questões em seu trabalho de pós-graduação, que estuda mulheres do Polo de Borborema, na Paraíba, construindo a agroecologia e a igualdade de gênero, criada a partir da organização social para um projeto de desenvolvimento do campo com base na agroecologia e em processos participativos acompanhado pela Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA). Os trabalhos aqui desenvolvidos objetivam garantir maior participação e autonomia da mulher camponesa.

Realizando-se estudos para investigar o conhecimento das desigualdades de gênero, começou o trabalho em uma oficina sobre as relações sociais de gênero na agricultura familiar, onde as principais reflexões foram:

- As práticas tradicionais das mulheres, tais como a gestão do arredor da casa, passaram a ser mais valorizadas como fruto de uma nova percepção sobre a importância desse trabalho para o bem-estar e economia das famílias.
- As dinâmicas de inovação em redes sociotécnicas locais favorecem a criação de espaços de interação social para a construção e partilha de saberes, bem como para a emergência de novas identidades em torno a um projeto orientado pelos princípios da agroecologia.
- A importância da criação de novos canais de acesso aos mercados e de geração de renda para as mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres são elos de ligação de diferentes bandeiras de lutas, dentro delas as diferentes vertentes teóricas, esta capacidade de articulação expressa a potência deste grupo social que congrega agroecologistas, feministas, camponesas, mães, filhas, avós. Este ensaio pretendeu destacar esta potência que se revela na riqueza das experiências locais através do trabalho, especificamente do trabalho agroecológico referenciado em uma visão econômica ecológica, biocêntrica. Nesse trabalho agroecológico exercido, aumenta o potencial da comunidade em assegurar a soberania e segurança alimentar e nutricional, fatores importantes para toda e qualquer comunidade que deseja viver da terra, ter seu espaço para desenvolver suas atividades. Não podemos deixar de analisar que ainda há muito trabalho para ser feito na busca pela igualdade de direitos e responsabilidades, pois essas trabalhadoras ainda sofrem muita repressão, seja pela cultura patriarcal fundada na colonialidade do saber e referenciada no sistema capitalista. Esta revisão de literatura anuncia não só a necessidade de uma nova economia para desenvolvimento do campo sustentável, como diz que ela será uma economia enraizada na prática e perspectiva feminina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACTIONAID. **Cinco fatores que aprofundam a fome no país.** Nota técnica - Fome e segurança alimentar no Brasil. Org: Actionaid Brasil, 2020.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável.** 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

BEZERRA, Beatriz Dantas Gomes; FERREIRA, Gleyson Henrique Lima. **Divisão sexual do trabalho: Rebatimentos da lógica patriarcal na vida das mulheres.** Revista Includere, v. 3, n. 1, 2017.

CAPORAL, Francisco. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**. Brasília: mimeo, 2009.

CONSEA - Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. **II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, 17-20 março, 2004**. Brasília: Consea; 2004.

CONSEA - Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. **Lei nº 11.346/06**. Lei de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN). Brasília: Consea; 2006.

ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite. **Agroecologia e gênero: conceitos e práticas**. Mesa redonda, Seminário “Gênero e Agroecologia”. UFRPE, ago. 2012.

FAO; IFAD; UNICEF; WFP; WHO. **The State of Food Security and Nutrition in the World 2020. Transforming food systems for affordable healthy diets**. Rome, FAO.

FARIA, Nalu. **Mulheres rurais na economia solidária**. In: Feminismo, economia solidária e soberania alimentar: construindo estratégias para a autonomia das mulheres do campo e da cidade. Sempreviva Organização Feminista. Cajamar, 2011.

FERREIRA, Ana Paula Lopes; MATTOS, Luis Cláudio. **Convergências e divergências entre feminismo e agroecologia**. Ciência e Cultura, v. 69, n. 2, p. 38-43, 2017.

FREIRE, Adriana. Galvão. **As portas de muitas vidas**. In: Mulheres e agroecologia: Sistematizações de experiências de mulheres agricultoras. Org: ActionAid Brasil, Grupo de Trabalho de Mulheres da ANA, Rio de Janeiro, 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018: primeiros resultados / IBGE**. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. 69 p.

JALIL, Laetícia ; SILVA, Luane Cristine ; OLIVEIRA, Jannah ; **Caderneta Agroecológica: A Contribuição das mulheres para a soberania e segurança alimentar e conservação da agrobiodiversidade**. Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE. Ano VIII, volume II, número 15 – Jul – Dez, 2019.

LIMA, Márcia Maria Tait; DE JESUS, Vanessa Brito. **Sem mulheres existe agroecologia?**. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, n. 2011, 2016.

NORDER, Luiz Antônio. **A Agroecologia e a diversidade na educação**. Revista Agriculturas, Rio de Janeiro: AS PTA, vol. 7, n. 4, p. 29-33, 2010.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. **Sistema de produção: Perspectiva de gênero**. Proposta: Rio de Janeiro, v.25, n.71, Dez. Fev. 1997.

SERRANO, Julia Scaglioni. **Mulheres da Borborema Construindo a Agroecologia e a Igualdade de Gênero**. UFP, Bananeiras, PA (Brasil), 2014.

SILIPRANDI, Emma Cademartori. **Mulheres e agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar**. Tese: doutorado em Desenvolvimento Sustentável - UNB. Brasília, 2009.

VEZZANI, Fabiane Machado; STEENBOCK, Walter. **Agrofloresta aprendendo a produzir com a natureza** 1ª ed. Curitiba: Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Agroecologia/UFPR, 2013.

WOORTMANN, Ellen; WOORTMANN, Klass. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.